

MISCELLANEA

I

ETYMOLOGIAS

in b. Fr. part. de l'ant. sediticus, seditio, etc.
I, xxv, seditio

1. Sediço

SEDIÇO ¹ representa certamente um adjectivo *sediticius* (fôrma intermedia *sedeticus*), derivado de *sedere*, analogo a *subditicius*, *suppositicius*, etc. O suffixo *-ticiu-s* junto ao thema acabado em vogal tem em português a fôrma *-diço* (d'ahi os derivados formados analogamente CHOVEDIÇO, ALAGADIÇO, etc.). As duas vogaes atonas que ficarão contiguas pela queda normal do *d* intermedio (SEEDIÇO) forão regularmente contrahidas em uma só vogal aberta (SEDIÇO) como em CREDOR (*creditorum*), MEZINHA (*medicina*), PREGAR (*praedicare*), TAVARES (no latim dos documentos medievaes *Talavares*), CÔRAR (*colorare*), etc. Quanto ao sentido cf. o substantivo latino *situs* (= estada prolongada em um mesmo lugar, d'ahi = bolôr, mofo, bafio) com o adjectivo *situs*, ambos da mesma raiz, e o proverbio: «Pedra movediça não cria bolôr». (Com significação mais achegada á primitiva parece que tambem se empregou em tempo a palavra SEDIÇO, pois que no Diccionario português e inglês de Vieira vem *sedica aqua, straguant water*).

2. Valhelhus

O nome d'esta villa da Beira (situada, diz Bluteau, «entre des-abridas terras e asperas montanhas») deve representar o accusativo do plural de *vallicula* ou *vallecula* (deminutivo de *vallis* ou *vallis*) mencionado por Servio, Festo e Paulo Diacono, e que se encontra na Vulgata, Lev. XIV 37 (v. a trad. francesa do Dicc. lat. de Freund).

O *l* dobrado latino é aqui representado pelo português *lh* como em FOLHELHO = *folliculus*, CENTELHA = *scintilla*, GALHA = *galla*, TOLLER = *tollere*. No mais é Valhelhus = *valliculas*, como OVELHA = *ovicula*, ORELHA = *auricula*, etc. A *Romania* cita algures um nome de povoação francesa, que tem a mesma etymologia.

A. EPIPHANIO DIAS.

¹ Noto como accento grave as vogaes abertas, mas atonas.

II

EPIGRAMMAS POPULARES

A par do profundo sentimento de tristeza que tantas vezes transparece nas poesias populares portuguezas, não raro tambem a veia satyrica se manifesta em toda a sua pujança. Eis alguns epigrammas que respigo na minha vasta collecção de cantigas do povo.

1	6
Tendes cara de papel, Nariz de penna aparada, Beiços de lacre vermelho, Dentes de carta fechada ¹ .	Tambem o mar é casado, Tambem o mar tem mulher; E' casado com a areia, Bate nella quando quer. ²
2	7
Estudante, deixa a arte, Dá-me fallas ao jardim: Mais vale um hora d'amores, Que sete annos de latim.	Uma velha, muito velha, De baixo de uma figueira: Até os figos dançaram De ver a velha gaiteira.
3	8
Eu casei-me c'um ferreiro. Fado tinha de passar... ² Gastei tudo quanto tinha Em sabão para o lavar!	Uma velha, muito velha, Mais velha ca minha avó: Fallaram-lhe em casamento, Dixe a velha: — bitaró!
4	9
Tomei amores c'um padre, Nunca melhor coisa fiz! Que logo me deu uma anágoa Da sua sobrepelliz.	Uma velha muito velha, Mais velha do que um chapen: Fallaram-lhe em casamento, Levantou as mãos p'ra o ceu!
5	10
Não ha pau como o carvalho, Nem lenha como o azevinho, Nem filhos como os dos padres Que chamam ao pae — padrinho.	O rouxinol, quando canta, No meio dá um assobio; E' como o filho do clerigo, Que chama ao pae — senhor tio.

¹ Esta quadra refere-se ao tempo em que se escrevia com *pennas de ave*, que para isso erão *aparadas*, e ao uso de lacrar as cartas, hoje decadente.

² Comparando a última palavra d'este verso (*ferreiro*) com a inicial do seguinte (*fado*), vê-se que presidiu á formação d'elles um tal ou qual sentimento de allitteração.

³ Que ideia o povo faz da missão social da mulher!

11

Ha duas cousas no mundo
Que eu não posso comprehender:
Um padre não se salvar,
E um cirurgião morrer.

14

Oh! que pinheiro tão alto,
Lindo pau para colhéres!
As verdades são dos homens,
As mentiras das mulheres ¹.

12

Se eu casar contigo, velho,
Ha-de ser com tal partido,
Que ou tu has-de morrer cedo,
Ou te eu hei-de enterrar vivo.

15

O amar-te foi um sonho.
Foi uma variedade,
Foi enquanto não achei
Amor à minha vontade.

13

O meu amor engeitou-me,
Não tenho pena, nem dó:
Muito fraco é o navio
Que tem uma amarra só!

16

Minha mãe, pr'a me casar,
Prometteu-me uma escudella:
Depois que me viu casado,
Quebrou-me as costas com ella!

A parte da poesia popular, onde as cantigas epigrammaticas ás vezes apparecem mais, é nos *desafios*, principalmente quando os *cantadores* estão acirrados. O nosso povo tem mesmo um geito particular para o escarneo.

J. L. DE V.

III

COLLOCAÇÃO DO PRONOME REGIMEN (DIRECTO OU INDIRECTO)

A collocação do pronome regimen é extremamente embaraçosa para os estrangeiros que pretendem fallar ou escrever a nossa lingua, e é sabido como neste ponto a linguagem brazileira se afasta do nosso uso. Comprehende-se facilmente o primeiro facto, sabendo que as grammaticas da nossa lingua ou não expõem ou só expõem de modo incompleto e em parte erroneo as leis de collocação dos pronomes. Enquanto ao segundo facto, o uso brazileiro, só pôde ser explicado attendendo ás condições do desenvolvimento historico da linguagem d'alem-mar.

Nesta nótula limito-me a indicar as leis, ou antes lei, que creio ter descoberto no que respeita á collocação do pronome regimen (directo, indirecto, reflexo) em a nossa hodierna linguagem, reservando-me para outra occasião o estudo historico e desenvolvido do assumpto.

¹ As mulheres invertem o sentido dos dois ultimos versos.

Attrahem o pronome regimen para antes do verbo :

- 1.º Os pronomes indefinidos;
- 2.º Os pronomes interrogativos;
- 3.º Os pronomes relativos;
- 4.º Os advérbios em geral (excepto os com-
postos com *-mente*);
- 5.º As conjunções em geral;
- 6.º As preposições com infinito.

Esta lei, como em geral as da linguagem, não é *necessaria*: exprime apenas a generalidade das tendencias; mas examine-se o nosso uso hodierno, e ver-se-ha que ella se verifica quasi sempre, fóra d'um pequeno numero d'excepções fixas.

Exemplos :

1. *Todos te veneram. Tudo o opprime. Ninguém nos viu. Outrem vol-o explique. Todos os officiaes do mesmo officio se guerreiam. Ambos os irmãos nos visitaram.*
2. *Quem lh'o affirmou? Qual te parece melhor?*
3. *O estudo que te concem mais é a medicina.*
4. *Agora te comprehendo* (tambem, mas menos emphatico — *agora comprehendo-te*). *Ainda te vejo. Amanhã te verei. Nunca nos visitamos. Amigo, amigo, de longe te trouxe um figo; Apenas te vi, comi-o. Talvez te conte uma historia.*

Com alguns advérbios o logar do pronome regimen é variavel: taes são *agora, cá, lá, aqui, amanhã*, etc.; com outros muito excepcionalmente o pronome regimen segue regularmente o verbo: *Hoje espero-o*. Com muitos o pronome regimen precede sempre o verbo; e taes são: *ainda, já, jamais, logo, nunca, quando, sempre, longe, onde, não, apenas, talvez*.

5. *Nem te estimo, nem te odeio. Ou perdes, ou te salvas. Sabermos, se nos dedicarmos ao estudo. Não mettas as mãos no fogo, porque te queimardis. Disseram-me que me haviam de enviar um livro.*

A conjunção copulativa *e* e as adversativas *mas, porém*, constituem excepções fixas. *Conheço-te os defeitos e estimo-te. Não gosto d'este fato, mas uso-o.*

6. *Sem o ver. Tenho desejo de te fallar.*

Em todas as referidas excepções fixas e em todos os outros casos não comprehendidos pela lei — o PRONOME REGIMEN SEGUE SEMPRE O VERBO.

Resulta da natureza das palavras que attrahem o pronome regimen para antes do verbo que a primeira vez parece que a lei devia enunciar-se do modo seguinte: *nas orações principaes o pronome regimen segue, nas subordinadas precede o verbo*; mas como acaba de ver se, essa lei, que teria um caracter logico, não é exacta. O logar do pronome regimen depende essencialmente de presença ou não presença antes do verbo d'uma das palavras das classes mencionadas.

IV

NOTA SOBRE FONÉTICA ALEMTEJANA

A um natural de Mertola, e que aí viveu até depois de adolescente, noto tres especies de *e* tonico:

1.^o) *e* aberto, correspondendo a esta mesma vogal no centro do reino, e perfeitamente idéntico ao de Lisboa;

2.^o) *e* medio, egual ao *e* castelhamo, correspondendo ao *e* latino, — por exemplo no infinito dos verbos da conjugação em *-er*, e tambem a *z*, isto é, ao *e* romanico, com a excepção seguinte:

3.^o) *e* fechado, como em Lisboa, correspondendo porém somente ao *i* latino em sílaba fechada, como *este* (iste), *esse* (ipse), e por tanto muito menos frequente que qualquer dos outros dois.

O som do 2.^o *e* é o dado ao *ê*, ou *e* fechado, antes de consoante palatal, e é ele tambem o elemento tonico dos ditongos *êi* e *ên* (*îi*), por exemplo em *sêja*, *sêha*, *vêi*, *bên*.

A. R. GONÇALVES VIANNA.

V

ENO = EM NO

A par de EM NO ou EN NO (que resulta, por assimilação, de *em lo*) encontra-se, segundo é sabido, no português archaico *eno*, que deu o moderno *no*. A pronuncia deve ter sido *ê-nô* e não *en-o* ¹. Tornando-se EM proclítico, a vogal nasal posta antes de uma consoante nasal perdeu a nasalização. É o mesmo facto que se dá em NO-MAIS (de NON-MAIS), fórma que se encontra ainda durante o século XVI, v. g. em Prestes no Auto do Mouro Encantado, em Christovão Falcão no Chrisfal (onde o sr. Th. Braga escreve inexactamente *non mais*), nos Lusíadas III 67, x 145 (onde o sr. A. Coelho restabeleceu a verdadeira lição), e egualmente em NO-NADA ² (de NON-NADA), em CO-MIGO (de COM-MIGO), em NE-MIGALHA (de NEM-MIGALHA).

Lisboa, 27 de Abril de 1887.

A. EPHELIANO DIAS.

¹ A pronuncia *ê-nô* devia ter-se seguido *ê-nô*; por causa da proclise, as duas vogaes tornárão-se atonas e surdas, e, como é inadmissivel *e surdo* no principio de vocabulo, cahiu. Devo dizer tambem que a desnasalização de vogal antes de consoante nasal não é geral em todo o reino. — J. L. de V.]

² Esta palavra foi-me lembrada pelo esclarecido professor do Collegio Militar, o sr. Carlos Claudino Dias.

VI

DOIS COSTUMES POPULARES ANTIGOS

Na *Descripção de Entre-Douro-e-Minho e Tras-os-montes*, que existe em mss. na bibliotheca municipal do Porto (vid. o respectivo catalogo, n.º 549), e de que é auctor João de Barros (sec. XVI; não se confunda este A. com o das *Decadas*, — cfr. *Rev. Lusit.*, pag. 50), encontrei mencionados os dois seguintes costumes:

a) A'cérca do mosteiro de Paço de Sousa: «ahi tem os labradores do Couto hum costume e tributo, que no dia de St.º Estevão, nas oitavas do Natal, hão de casar [léde *caçar*] um pisco vivo, e apresentá-lo ao D. Abbade, e não o fazendo assim, hão de lhe dar um porco cevado». Fls. 23-24. — Nas *Posturas municipaes* de varios concelhos tenho visto consignados tributos semelhantes.

b) «Em Tras-os-Montes ha hum concelho, a que chamão Aguiar e tem huma aldeya junto ao rio Tamega e hum bosque, e como quer que os Reys dessem então grandes privilegios aos que povoassem terras hermas, diz o Foral daquella aldeia que quando o rico-homem for no rio fazer troviscada, que elles lhe dem huma merenda de porretas com vinagre, sem mais outro foro». Fls. 18. — As *troviscadas* ainda hoje são vulgares na Beira-Alta; mas, em vez da tal *merenda*, a lei impõe multas a quem as faz.

J. L. DE V.

VII

ETYMOLOGIAS

1. *leo* = *levem*

leo em expressões como *estar ao léo*, etc. representa o latim *le-rem* pela vocalisação do *r*, e está para *levem* como *nío* para *nacem*.

2. *redrar* = *reiterare*

redrar = cavar segunda vez, deriva de *reiterare*, que temos tambem em portuguez sob a fôrma erudita de *reiterar*.

No hispanhol ha, derivados da mesma palavra latina, *redrar* e *rendar*. Esta ultima fôrma tem exactamente a mesma significação que o portuguez *redrar*, assim como o substantivo *redra*, do thema de *redrar*, significa o mesmo que o hispanhol *renda* = a segunda cava.

3. *marisma* = *maritima*

*Marisma*¹ corresponde ao latim *maritima*. O hispanhol tem *marisma*; em italiano ha *marenna*, e em francez *marenne*. Cf. em hispanhol *byzma* de *epitima* e a fôrma *arismetica* por *aribnetica*.

4. *argal* = *algalia*

argal que designa um instrumento ôco, de fôrma levemente cônico, com uma extensão de cerca de 50 centímetros, que se introduz nas pipas para tirar d'ellas vinho, agoardente, etc., tem a mesma origem que a fôrma erudita *algalia*, do baixo-latim *algalea*, *algalia*, que Littré, seguindo Ménage, relaciona com o grego *argaléim* por *ergaleion*. A palavra *argal* não occorre nos nossos dictionarios.

5. *cerro* = *serra*

cerro. O latim *serra*, instrumento de cortar, deu o portuguez *serra*, com a mesma significação, e *serra*, serie de montes, por uma tal ou qual similhaça entre os picos da segunda com os dentes da primeira. *Cerro*, cuja explicação deu que fazer aos nossos etymologistas, que descobriram aqui uma palavra celtica, é apenas um masculino formado de *serra*.

6. *fulo* = *fulvus*

fulo provém de *fulvus* pelo desaparecimento pouco vulgar do *v* (Diez, Etym. Wörterbuch, II, b), como *Gonsalo* de *Gonsalvus*. Este desaparecimento pode ser devido ou á vocalisação do *v* (*fulvus*=*fulvo*=*ful(u)o*) ou á sua assimilação *fulvo*=*fullo*=*fulo*, como *pulvis*=**polvo*=**pollo*=**polo*, e d'aquí *pá*.

7. *cesão* = *accessionem*

cesão resulta do latim *accessionem* que deu o portuguez *accessão*. Houve queda do *a* inicial e passagem dos *ss* para *s* (=z).

8. *sonso* = *insalsus*

sonso. O hispanhol tem *zonso* e *soso*; o portuguez popular tem *insonso*, d'onde resulta *sonso*, com perda de syllaba inicial, como *sanha* de *insania*, *salobra* de *insalubrem*.

JULIO MOREIRA.

¹ Na bahia de Lagos entre a margem esquerda da ribeira de Bensafrim e a costa ha um extenso campo lodoso ou sapal (as marismas) com mais de trinta hectares de superficie, coberto de vegetação marina e que a maré cobre no fluxo das agoas vivas. Nery Delgado, apud Martins Sarmiento, *Ora marítima* de Avieno, pag. 57, nota.

VIII

NOTAS DE ETHNOLOGIA

1

Meninos bentos

O sr. Adolpho Coelho em um excellente quadro de mythologia portuguesa publicado no fasciculo II da sua Revista de Ethnologia e de Glottologia, a pag. 185, abre um capitulo consagrado a *Benedores e Pessoas de virtude*, no qual deve entrar a especie conhecida pela designação de *meninos bentos*, que constitue uma crença bastante es-palhada, pelo menos nas provincias do Minho e 'Tras-os-Montes, e de que se não faz menção especial nesse trabalho.

O menino bento *falla no ventre da mãe*, mas esta não deve revelar tal circumstancia a ninguem, até que o filho complete sete annos para lhe não fazer *perder a virtude*.

O que principalmente o caracteriza é ter uma cruz no céu da boca e ser dotado do poder de adivinhar. Segundo se lê no § 278 da Revista acima citada, é tambem isto o que caracteriza os *saludadores*.

Uma das pessoas a quem devo esta informação, e que era uma mulher natural de Vianna do Castello, affirmou-me ter conhecido um *menino bento* perto d'aquella cidade, e que de todas as partes affluia gente a consultá-lo, porque tudo quanto elle dizia *sabia certo*.

Cfr. tambem *Trad. pop. de Port. de Leite de Vasconcellos*, §§ 335-a e 375.

2

Ir ás vozes

No Porto creê geralmente o povo que quando se desejar saber qual será o resultado de uma empreza, se é viva ou morta uma pessoa ausente, se é feliz ou infeliz, etc., bastará ir de noite, *sem falla*, até à capella da Senhora das Verdades, junto da Sé, levando no sentido a ideia sobre a qual se pretende algum esclarecimento, e reparar nas palavras que ouvir a quem passar ou a quem residir nas im-mediações, as quaes, bem interpretadas, serão a resposta ou revelação que se deseja obter.

Cfr. tambem Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Port.*, § 314.

JULIO MOREIRA.

IX

PORT. *oe* = FR. *oi*

As seguintes palavras portugesas provenientes do francés testemunham pela antiga pronuncia *oi* do diptongo fr. escripto *oi* e pronunciado hoje *ui* (*oi, ué* ainda nos dialectos):

toesa do fr. *toise* (lat. *tenso*)
oboi » » *hautbois*
frambuesa » » *framboise*.

F. ADOLPHO COELHO.